

MINISTRO DA GUERRA — Meus senhores, visivelmente a situação se agravou. Ao Imperador. Acabo de dar ordens à Guarda Imperial para guarnecer os portões do palácio.

IMPERADOR *enquanto os assaltantes de Gogher Gogh ocupam as portas* — O quê? O senhor mandou eles embora? Mas eles tinham ordens de ...

GOGHER GOGH — Tragam as chaves! Onde está o guardião do templo?

PRIMEIRO GUARDA-COSTAS — Deve ter dado no pé! *Ele força a porta do templo e ela abre.* Não está trancada.

Gritos de fora. Vê-se o interior do templo. A capa do Imperador Manchú desapareceu.

PRIMEIRO GUARDA-COSTAS — Traição! A capa sumiu!

IMPERADOR — Cortaram a corda.

PRIMEIRO-MINISTRO — O guardião desapareceu. Foi ele quem roubou.

GOGHER GOGH — Meus senhores, vamos logo ao casamento. Felizmente este pequeno incidente não significa nada.

TURANDOT — Ele deve ter tido frio, papai.

IMPERADOR — Mas era uma capa ordinária, toda remendada.

GOGHER GOGH — Mesmo o ordinário é raro hoje em dia. Se o senhor não tivesse escondido o algodão. Ao casamento, senhores!

Tambores ao longe. Turandot dá um grito estridente.

IMPERADOR — Não fui eu. Foi Jau Jel.
Júbilo da multidão.

UM SOLDADO — Foram todos vocês! E agora, fora daqui todo mundo.

A Antígona de Sófocles

Die Antigone des Sophokles
Escrita em 1948

Tradução: Angelika E. Köhnke e Christine Roehrig

PERSONAGENS

Personagens do prelúdio:

DUAS IRMÃS
SOLDADO DA SS

Personagens da Antígona:

ANTÍGONA
ISMÊNIA
CREONTE
HÉMON
TIRÉSIAS
GUARDA
ANCIÃOS DE TEBAS
MENSAGEIROS
CRIADAS

*Sai da penumbra e segue
À nossa frente por um tempo
Amigável, com o passo leve
Dos determinados, terrível
Aos terríveis.*

*Apartada, bem sei
Como temeste a morte, mas
Mais ainda temeste a
Vida indigna.*

*Ao poderoso nada deixaste
Passar, e não te conciliaste
Com os embromadores, nem
Esqueceste a injúria e sobre a atrocidade
A grama não cresceu
Salut!*

TERRA - PÁTRIA - 1945

SARIN - 1945

A diferença q a Antígona =

Antígona em ^{to} sofocles - onde qual implac. é a lei
e. Cícero: "esperante a
lei que"

em Brecht - o rei ^o rei
o dados posso dir ilho

"fazer valer um direito contra
outro direito no' nos jogos no abismo"
(p 43)

Não há 1 perce que apresenta a no is.

A humanidade está em questas:
Antígona enfrenta o deu, o deu, o deu.
(fim da peça) - antígona morta.

→ informação antígona morta no final da peça

antígona R 112 pátria (p 201)

Volou para...
questas...

Como maneira de peça antígona morta no final da peça
(p. 212)

ANCIBOS = CORO

PRELÚDIO

Berlim, abril de 1945. Alvorada. Duas irmãs saem do refúgio anti-aéreo e voltam para casa.

A PRIMEIRA

E quando retornamos do refúgio antiaéreo
A casa iluminada pelo fogo, incólume e mais clara
Do que na luz da manhã
Foi a minha irmã quem viu primeiro.

A SEGUNDA

Irmã, por que a nossa porta está aberta?

A PRIMEIRA

Decerto foi pelo estouro das bombas.

A SEGUNDA

De onde vem esse rastro na poeira?

A PRIMEIRA

Deve ser de alguém que saiu correndo.

A SEGUNDA

Que mochila é essa no canto?

A PRIMEIRA

Melhor ter coisa a mais do que faltando.

A SEGUNDA

Olha, um pedaço de pão e um presunto!

A PRIMEIRA

Isso me assusta.

A SEGUNDA

Irmã, quem é que esteve aqui?

A PRIMEIRA

Como vou saber? Alguém que quis nos oferecer algo de bom.

A SEGUNDA

Mas eu sei! Ah, nós descrentes! Ah fortuna!
Oh irmã, é o nosso irmão que está de volta!

A PRIMEIRA

E nós nos abraçamos e nos sentimos felizes
Nosso irmão estava na guerra e passava bem
E cortamos o presunto e comemos do pão
Que ele trouxera para saciar a nossa fome

A SEGUNDA

Pegue mais, irmã, você dá duro lá na fábrica.

A PRIMEIRA

Não, não tanto como você.

A SEGUNDA

Para mim é mais fácil, corte mais fundo!

A PRIMEIRA

Eu não.

A SEGUNDA

Como ele pôde vir?

A PRIMEIRA

Com a tropa.

A SEGUNDA

Onde será que está agora?

A PRIMEIRA

No combate.

A SEGUNDA

Oh.

A PRIMEIRA

Mas não estamos ouvindo sinais de combate.

A SEGUNDA

Eu não devia ter perguntado.

A PRIMEIRA

Eu não quis deixar você preocupada
E quando nos calamos, um ruído do outro lado da porta
Alcançou nossos ouvidos, e gelou o nosso sangue.

Berros de fora.

A SEGUNDA

Tem alguém gritando, irmã; vamos até lá ver.

A PRIMEIRA

Fique aqui dentro; quem quer ver é visto.
Assim não fomos até a porta e
Não vimos o que acontecia lá fora.
Mas não mais comemos e não mais nos olhávamos.
E, caladas, nos forçamos a ir
Ao trabalho, como em todas as manhãs.
E a minha irmã foi pegar a marmita e eu
Lembrei de guardar a mochila do meu irmão no armário
Onde ficam as coisas velhas dele.
E ali foi como se o meu coração parasse
Ali, pendurado no cabide o uniforme de soldado.
Irmã, ele não está no combate
Ele conseguiu escapar
Na guerra ele não está mais.

A SEGUNDA

Os outros ainda estão, mas ele não.

A PRIMEIRA

Eles tinham enviado ele para a morte.

A SEGUNDA

Mas ele conseguiu se safar.

A PRIMEIRA

Porque ali havia um pequeno buraco.

A SEGUNDA

E foi por ali que ele fugiu.

A PRIMEIRA

Outros ainda estão lá dentro, mas ele não.

A SEGUNDA

Na guerra ele não está mais.

A PRIMEIRA

E nós começamos a rir felizes:
Nosso irmão não estava na guerra e passava bem.
E ainda de pé, um ruído alcançou os nossos
Ovidos, e congelou o nosso sangue.

Um berro de fora.

A SEGUNDA

Quem é que está gritando na frente da nossa porta, irmã?

A PRIMEIRA

Estão torturando gente de novo.

A SEGUNDA

Irmã, não é melhor a gente ir ver?

A PRIMEIRA

Fique aqui dentro; quem quer ver é visto.
Assim esperamos por um tempo e não fomos
Ver o que se passava do lado de fora.
Então tivemos que ir ao trabalho e aí
Fui eu quem viu diante da porta.
Irmã, irmã, não vá lá para fora.
O nosso irmão está na frente da casa.
Mas ele não conseguiu se safar.
Ele está pendurado num gancho, ai.
Mas a minha irmã foi lá ver
E não conseguiu conter um grito.

A SEGUNDA

Irmã, eles o penduraram

Era ele quem gritava pedindo ajuda.
Me dê a faca, rápido, a faca
Para que eu possa tirá-lo de lá.
Para que eu o carregue para dentro
E o traga de volta para a vida.

A PRIMEIRA

Irmã, deixe a faca onde está
Você não vai conseguir devolvê-lo à vida.
Se nos virem junto dele
Farão conosco o que fizeram com ele.

A SEGUNDA

Me deixe, eu já não fui
Quando eles o penduraram.

A PRIMEIRA

E quando ela estava indo para o portão
Apareceu um soldado da SS.

Entra um soldado da SS.

SOLDADO DA SS

Ele lá fora e vocês aqui?
Apanhei-o saindo da porta de vocês.
Então deduzo que vocês
Conhecem aquele traidor do povo.

A PRIMEIRA

Caro senhor, não pode nos incriminar
Porque não conhecemos aquele homem.

SOLDADO DA SS

Então o que ela pretende com essa faca?

A PRIMEIRA

Aí olhei para a minha irmã.
Deveria ela em busca da própria morte
Ir lá fora e libertar o meu irmão?
Talvez ainda não estivesse morto.

ANTÍGONA

Diante do palácio de Creonte. Alvorada

ANTÍGONA *juntando poeira em um jarro de ferro*

Ismênia, irmã, broto gêmeo
Do tronco de Édipo, sabes de alguma
Aberração, triste labuta, infâmia
Que o Pai da Terra ainda não tenha imposto
Sobre nós que vivemos até aqui?
Na guerra sem fim, um entre muitos,
Caiu Etéocles, nosso irmão. Nas fileiras do tirano
Tombou jovem. E, mais jovem que ele, Polínicos
Vendo o irmão pisoteado pelos cascos dos cavalos, chorando
Abandona o combate inacabado, porque
O espírito da guerra não favorece a todos por igual,
Quando nos instiga, acenando-nos com os direitos
Logo que o fugitivo, manchado com o sangue do irmão,
Em sua fuga precipitada, cruza os riachos de Dirce e,
Aliviado, avista as Sete Portas de Tebas,
Creonte, que incita a batalha por trás,
Alcança-o e o retalha.
Te disseram, ou não, o que
Mais deve pesar sobre a estirpe
Quase extinta de Édipo?

ISMÊNIA

Não fui ao mercado hoje, Antígona.
Nenhuma notícia dos entes queridos chegou a mim.
Não ouvi nada de ameno nem de triste
E não estou mais feliz e nem mais desanimada.

ANTÍGONA

Então ouça-o da minha boca. E se o teu coração
Deixar de bater, se bater mais forte
Na desgraça, demonstra-o a mim.

ISMÊNIA

Juntando poeira, antecipas, me parece,
Notícia sangrenta.

ANTÍGONA

Então escuta: os nossos irmãos
Os dois arrastados para a guerra de Creonte,
Contra a longínqua Argos em busca do
Metal de suas minas, ambos tombaram.
Mas não receberão ambos o manto da terra.
Etéocles, que não temeu o combate, dizem, deverá
Receber honras e ser enterrado conforme os ritos.
Mas o outro, que morreu morte miserável,
O corpo de Polínicos, dizem, que um edital da cidade
Proclamou que ninguém poderá enterrá-lo ou lamentá-lo.
Deverá ser abandonado sem sepultura e sem leito
Fácil banquete dos pássaros. E quem porventura
Isso desrespeitar, será apedrejado.
Agora diga-me o que farás.

ISMÊNIA

Estás me colocando à prova, irmã?

ANTÍGONA

Pergunto se me ajudaria.

ISMÊNIA

Em que temeridade?

ANTÍGONA

Enterrar o morto.

ISMÊNIA

A quem Tebas renunciou?

ANTÍGONA

Àquele a quem ela renegou.

ISMÊNIA

Aquele que se rebelou!

ANTÍGONA

Sim. O meu irmão e teu também.

*As honras dadas
no funeral
são dadas
aos mortos.*

** Refundido
no funeral
dos mortos.
só um pouco
de honra.*

ISMÊNIA

Irão te apanhar na ilegalidade, irmã.

ANTÍGONA

Mas na infidelidade
É que não irão me apanhar.

ISMÊNIA

Infeliz, estás tentada
Agora a reunir embaixo da terra a todos
Nós da estirpe de Édipo?
Abandona o passado!

ANTÍGONA

És mais jovem, menos horrores
Tens visto. Passado abandonado
Jamais se torna passado.

ISMÊNIA

Pensa: nós nascemos mulheres
E não podemos competir com os homens
Por nos faltar a força, temos que obedecer a eles
Não só nisso mas em coisas bem mais difíceis. Então
Peço aos mortos que só a terra oprime
Que me perdoem; submissa à violência
Obedeço a quem manda. Fazer o que é inútil
Não é sábio.

ANTÍGONA

Não mais insistirei.
Segue aquele que manda e faz
O que ele ordena. Mas eu
Seguirei o costume e darei sepultura ao irmão.
Se vou morrer por isso, o que me importa?
Sossegada deitarei ao lado dos que
Repousam em paz. Terei cumprido
Um ato sagrado. E depois prefiro agradecer
Aos que estão embaixo do que aos de cima
Porque é lá que morarei para sempre. Mas tu
Aceita a infâmia e vive.

ISMÊNIA

Antígona, sofrer
Vergonha atroz é amargo, mas
O sal das lágrimas é limitado.
O fio do machado
Encerra docemente a vida, mas, aos que ficam,
Abre a veia da dor. Não poderá descansar
No grito de lamento. E mesmo assim, mesmo gritando, ouvirá
Acima de si o barulho dos pássaros, e
Os velhos olmos e os telhados familiares
Irão surgir através do véu de lágrimas.

ANTÍGONA

Eu te odeio. Mostras-me
Sem pudor o avental esburacado dos restos
De um lamento superado? A carne
Da tua carne ainda está sobre a pedra nua
Exposta às aves de rapina, e para ti
Já é passado.

ISMÊNIA

É só que
Não sirvo para me rebelar; sou acanhada
E temo por ti.

ANTÍGONA

A mim não aconselhes! Vive com a tua vida!
Deixa que eu faça o mínimo necessário
Para honrar a minha vida onde ela foi desonrada.
Não sou tão sensível assim, espero, que não possa
Morrer morte inglória.

ISMÊNIA

Então vai com teu pó. Embora insensata,
Tua fala é cheia de ternura.
Antígona sai com o jarro. Ismênia entra no palácio. Entram os Anciãos.

ANCIÃOS

Mas veio a vitória a Tebas com grandes saques

Com os carros repletos de riquezas
 E acabada a guerra, cabe agora esquecê-la!
 Varam a noite cantando,
 Corais de todos os templos
 Venham! Que Tebas, nua com tanga de louros,
 Seja sacudida pela roda de Baco.
 Mas Creonte, filho de Meneceus, se apressou decerto
 Em vir do campo de batalha, para anunciar as riquezas e
 Enfim o retorno dos guerreiros, já que nos convocou
 E ordena aqui a assembléia aos anciãos.

Creonte sai do palácio.

CREONTE

Cidadãos de Tebas, compartilhem com todos: Argos
 Já não existe. A conta está saldada.
 De onze cidades
 Poucas escaparam, a minoria!
 Como se diz de Tebas: a sorte
 Sempre te vem em dobro; e
 O infortúnio não te abala; pelo contrário, abala-se
 A si mesmo. A tua espada sedenta
 Saciou-se à primeira bebida. Não lhe foi negado
 Beber novamente. Tu, Tebas, deitaste em áspero leito
 O povo de Argos. Sem cidade, nem tumba
 Repousam ao vento aqueles que riram de ti.
 E olhas para
 Onde outrora era uma cidade
 E só vês os cães
 Com brilho no semblante.
 Ali se reúnem os mais nobres abutres; eles vão
 De cadáver a cadáver
 E de tão saciados da farta refeição
 Não conseguem alçar vôo.

ANCIÃOS

Pintas lindo quadro do tão violento, senhor.
 E, transmitido, agradará ainda mais a cidade
 Se vier acompanhado de algo mais: os carros de guerra
 Percorrendo as ruas, trazendo os nossos filhos!

CREONTE

Breve, amigos, breve! Mas vamos tratar dos nossos assuntos!
 Ainda não me vides pendurando a espada no templo.
 Pois o meu chamado teve duas razões:
 Primeiro, porque sei que vocês
 Não cobrarão do Deus da Guerra
 As rodas que o seu carro necessita para derrotar o inimigo,
 Nem reclamam o sangue dos filhos derramado na batalha,
 Mas retornando enfraquecido ao teto seguro
 Começam as cobranças. Nessa hora peço que comprovem
 Que as baixas de Tebas não superaram
 As das outras vezes. E também, porque
 Tebas, por demais misericordiosa, salva novamente,
 Se apressa para enxugar o suor
 Dos que retornaram ofegantes, e não repara
 Se o suor é dos que combateram furiosamente
 Ou se é do medo misturado à poeira em fuga.
 Por isso cubro, e estou seguro que vocês aprovarão,
 Etéocles, que morreu defendendo a cidade,
 Com honrosa sepultura.
 Mas o frouxo do Polínicos, parente dele e meu
 E amigo do povo de Argos,
 Como este deverá ficar sem sepultura.
 Como este, foi inimigo meu e de Tebas.
 Por isso também não quero luto
 Que permaneça sem sepultura, sendo visivelmente
 Dilacerado pelos pássaros e cães.
 Pois quem considera mais que a pátria
 A própria vida, este não tem valor algum.
 Quem porém tiver boas intenções com minha cidade, morto
 Ou vivo, sempre terá o meu reconhecimento.
 Espero que vocês aprovem minha decisão.

ANCIÃOS

Aprovamos.

CREONTE

Cuidem então para que o dito seja cumprido.

ANCIÃOS

Entregue esse dever aos jovens!

CREONTE

Não é isso. Meus guardas já estão a postos,
Velando os cadáveres lá fora.

ANCIÃOS

Devemos então vigiar os vivos?

CREONTE

Sim. Porque existem certas pessoas que carecem de vigília.

ANCIÃOS

Aqui não existe ninguém tão louco, que aprecie morrer.

CREONTE

Não abertamente. Mas há quem também já
Sacudiu tanto a cabeça que acabou por perdê-la.
E isso me leva a concluir: infelizmente é preciso fazer mais.
A cidade precisa ser limpa...

Entra um guarda.

GUARDA

Senhor!
Meu soberano, (ofegante,) a mais rápida notícia
Apresso-me em transmitir. Não pergunteis por que
Não vim mais rápido, porque não sei se o pé adiantou-se à cabeça
Ou se foi a cabeça que puxou o pé. Ia me perguntando
Para onde estava indo e por quanto tempo ainda, debaixo
Do sol, sem fôlego, mas de qualquer maneira
Eu seguia avançando.

CREONTE

E por que tão ofegante e tão hesitante?

GUARDA

Não escondo nada. Me pergunto por que,
Não dizer logo aquilo que não fiz.
E também não sei, porque nem ao menos sei

Quem foi o autor. Castigar severamente
Alguém que sabe tão pouco seria
Desencorajador.

CREONTE

Tomas muitas precauções. Solícito emissário
Do teu próprio delito, exiges os louros
Pelo esforço das tuas pernas.

GUARDA

Senhor
Incumbiste a tua guarda de grande missão
Mas as grandes missões exigem grandes esforços.

CREONTE

Então fala de uma vez e segue o teu caminho.

GUARDA

Então direi. Alguém
Enterrou o cadáver, cobrindo sua pele com pó,
Para que o abutre não o consumisse.

CREONTE

O que dizes? Quem teve essa audácia?

GUARDA

Eu não sei. Não havia nenhum sinal de picareta
E nenhuma marca de pá. E o chão estava liso,
Sem sinal de rodas.
Sem vestígio de quem foi. Não havia sepulcro
Apenas poeira fina, como se temendo desafiar a ordem
Não tivesse trazido poeira suficiente.
Também não havia pegadas de feras
Nem de cão que quisesse despedaçar o corpo.
Quando despontou o dia e descobrimos o que
Havia acontecido, surpreendeu-nos a todos.
E foi a mim que a sorte designou comunicá-lo, a ti, soberano
E ninguém aprecia o portador de más notícias.

ANCIÃOS

Oh Creonte, filho de Meneceus,
Não poderia ser isso obra dos deuses?

CREONTE

Deixeis disso. Não aumenteis a minha ira dizendo
Que os espíritos iriam acariciar o covarde
Que permitiu friamente que seus templos
Fossem profanados e suas oferendas queimadas.
Não, há na cidade quem não
Concorda comigo. Murmuram
E quando arreados se recusam
A dobrar a nuca ao meu jugo. São eles, bem sei,
Que por meio de suborno corrompem as sentinelas.
Porque dentre tudo que é sagrado
Nada é tão poderoso como a prata. Cidades inteiras
Sucumbem diante do seu brilho.
Por ela homens abandonam os lares
E se tornam capazes de qualquer pecado.
Mas saiba que se não me trazes aqui
Um culpado palpável, mortal, e amarrado a uma tábua,
Serás enforcado e com a corda no pescoço,
Entrarás para a morada dos mortos.
Então vocês aprenderão que o dinheiro do crime não se lega
E que nem tudo pode ser fonte de lucro.

GUARDA

Meu senhor, homens humildes como eu têm muito a temer.
Para as profundezas que insinuas, há muitos caminhos.
No momento temo menos, e não digo, de modo algum,
Que tenha recebido prata,
Se bem que se o senhor acha, é melhor virar a sacola
Por duas vezes mais, para que
Comproves se há algo dentro dela, a provocar tua
Ira com palavras de contestação.
Mas o que mais temo é que, buscando um culpado,
Talvez receba uma corda de cânhamo, porque
Para homens como eu, as mãos nobres entregam antes
Cânhamo do que prata. Como o senhor bem há de entender.

CREONTE

Estás me propondo um enigma, seu transparente?

GUARDA

O morto pertencia às altas esferas
E decerto possui amigos elevados.

CREONTE

Apanhe-os pelas canelas se não consegues alcançá-los
Em ponto mais elevado! O que sei é que existem pervertidos
Aqui e lá. Mais de um irá se mostrar tremendo de alegria
Com a minha vitória e, temeroso, vestirá o louro...
Hei de encontrá-los.

Entra no palácio.

GUARDA

Lugar insano este onde os poderosos enfrentam
Os poderosos! Creio ainda estar vivo
E isso me surpreende.

Sai.

ANCIÃOS

Há muito de terrível. Mas nada
É mais terrível do que o homem.
Porque, à noite, singrando os mares, quando
Contra o inverno sopra o vento sul, ele abre caminho
Em velozes naves aladas.
E à sublime terra,
Eterna e infatigável,
Rasga o ventre com a ambiciosa charrua,
Ano após ano,
Tocando o gado.
A raça volátil dos pássaros
Ele cativa e caça.
E povoações de animais selvagens.
E os seres que habitam as profundezas
Salgadas do Pôntico, apanha-os com linhas astutas,
Ele, o perito homem.
Captura com artimanhas a presa

Que dorme e vagueia nas colinas.
 Derruba o nobre corcel de espessas crinas
 E mete a canga no pescoço do touro furioso,
 Habitante das montanhas.
 O discurso, o vôo fugaz do
 Pensamento, as leis que regem o Estado,
 Tudo aprendeu e também aprendeu
 A defender-se dos maus ventos úmidos
 Das colinas e das chuvas malsãs. Versado
 Ignorante. Não chega a nada.
 Tem conselho para tudo
 Nada o deixa perplexo.
 Tudo isso é possível para ele,
 Mas um limite possui.
 Quando não o encontra, transforma-se
 Em seu próprio inimigo. Como ao touro
 Curva o pescoço do seu semelhante, enquanto este
 Arranca-lhe as entranhas. Se se distingue,
 Pisa implacável sobre os demais. Não consegue saciar
 A fome sozinho, mas tem de cercar com muros
 O que possui. E que o muro
 Seja derrubado! Que se abram os tetos
 Para a chuva! O que é humano
 O homem não estima e assim
 Monstruoso torna-se a si próprio.

Mas que portento dos deuses está a minha frente
 Que eu reconheço e ainda assim devo dizer que
 A criança não é Antígona.
 Desgraçada, filha do desgraçado Édipo, o que
 Se passa contigo e por que desrespeitas
 As leis que regem o Estado?

Entra o Guarda conduzindo Antígona.

GUARDA

Eis aqui quem praticou o ato. A quem apanhamos
 Tentando sepultá-lo. Mas onde está Creonte?

ANCIÃOS

Eis que vem do palácio.

Creonte sai do palácio.

CREONTE

Por que a trazes aqui? Onde a apanhaste?

GUARDA

Foi ela quem fez o sepultamento. Agora sabes de tudo.

CREONTE

Quem é ela que esconde o seu rosto?

GUARDA

É por causa da vergonha; pois foi ela quem praticou o ato.

CREONTE

Tuas palavras são claras, mas o viste com teus olhos?

GUARDA

Quando cavava a sepultura, apesar da tua proibição.
 Quando alguém tem sorte fala logo com clareza.

CREONTE

Relate.

GUARDA

A coisa foi assim: Quando saí daqui,
 Depois de receber tuas terríveis ameaças,
 Limpamos o pó e a terra que cobria o morto
 Já em estado de putrefação, e nos sentamos
 Numa colina alta, para tomar ar, pois o morto
 Exalava um forte mau cheiro. Decidimos que
 Se acaso um dormisse, seria cutucado pelo outro
 Nas costelas. Súbito tivemos que arregalar
 Os olhos. Isso porque de repente um vento quente
 Subiu do chão dissipando a neblina
 Num turbilhão que arrancava as folhas das árvores
 E o ar estava tão cheio de folhas
 Que fomos obrigados a piscar.

Foi isso, e quando depois esfregamos nossos olhos,
A vimos em pé gemendo
Com voz aguda, como um pássaro desesperado
Que volta ao ninho e não encontra sua cria.
Assim ela lamentava ao ver o cadáver novamente descoberto
E, soluçando, voltou a cobri-lo com poeira e, de um jarro de
ferro,

Derramou sobre o morto a tripla libação sagrada.
Caímos sobre ela e a prendemos sem que demonstrasse
O mais leve temor. E a acusamos pelo que acabava de fazer
E pelo que tinha feito antes. Mas ela nada negou
E mostrou-se amável e triste ao mesmo tempo.

CREONTE

Confessas ou negas a acusação?

ANTÍGONA

Confesso tudo, não nego coisa alguma.

CREONTE

Agora responde, sem muitas palavras:
Minha proibição a respeito desse morto
Não tinha chegado ao teu conhecimento?

ANTÍGONA

Como podia alguém ignorar? Foi divulgada por toda a cidade.
Tuas ordens foram claras e precisas.

CREONTE

Então ousaste desafiar a minha proclamação?

ANTÍGONA

Por ser tua, a de um mortal,
Outro mortal poderá desafiá-la, e eu
Sou um pouco mais mortal que tu. E se eu
Morrer antes do tempo, o que penso que irei,
Isso representa um grande prêmio. Quem como eu vive
No meio de tantas adversidades, não terá na morte
Um pouco de vantagem? Mas se eu deixasse sem sepultura
O filho de minha mãe, o meu pesar seria infinito.

Morrer em troca não me causa pena, nem temor.
Os deuses não querem ver sem sepultura
O retalhado.
Se te parece loucura
Temer a ira deles e não a tua,
Que um louco me julgue agora.

ANCIÃOS

Rude se mostra na filha o caráter rude do pai:
Não aprendeu a se curvar ao infortúnio.

CREONTE

Mesmo o ferro mais duro
Se derrete e perde a tenacidade quando levado ao fogo.
Vemos isso diariamente.
Mas ela encontra um prazer em tornar
Turvas as leis vigentes.
E essa não é a única ousadia: uma vez consumado
Se vangloria e ri
Por tê-lo feito. Como detesto a quem, surpreendido
Em ato ilícito, ainda o apresenta como feito admirável.
E ainda assim, quem me ofende é do meu sangue
E por ser do meu sangue não quero condená-la imediatamente.
Assim pergunto a ti: já que o fizeste às escondidas,
E agora foste descoberta, aceitarias dizer, para
Evitar dura pena, que o lamentas?

Antígona cala.

CREONTE

Por que és tão obstinada?

ANTÍGONA

Para servir de exemplo.

CREONTE

Então não te importa estar em minhas mãos?

ANTÍGONA

O que mais poderás fazer, já que me tens, do que me matar?

CREONTE

Nada mais, isso me basta.

ANTÍGONA

Então, por que esperas? Das tuas palavras
Nenhuma me agrada e não irá me agradar jamais.
E assim também eu não irei te agradar em nada
Mas, com o meu feito, agrado a outros.

CREONTE

Acreditas que existem outros que vêem as coisas como tu?

ANTÍGONA

Eles também têm olhos e também se sentem atingidos.

CREONTE

Não te envergonhas de atribuir-lhes essa opinião sem perguntar?

ANTÍGONA

Acaso não devemos honrar as pessoas da própria carne?

CREONTE

E o que morreu pela cidade também é do teu sangue.

ANTÍGONA

Um só sangue. Cria de um só corpo.

CREONTE

E aquele que se poupou tem o mesmo valor para ti?

ANTÍGONA

O que não era teu escravo continua sendo meu irmão.

CREONTE

Não há dúvida, posto que a teus olhos, sacrilégio ou não,
tem o mesmo valor.

ANTÍGONA

Também não é a mesma coisa morrer por ti e morrer pela
pátria.

CREONTE

E acaso não há guerra?

ANTÍGONA

Sim, a tua guerra.

CREONTE

Não é pela pátria?

ANTÍGONA

Por uma terra estrangeira. Não te bastava
Reinar sobre os irmãos na própria cidade,
A doce Tebas, onde
Se vive sem medo, na sombra das árvores;
Tu tinhas que arrastá-los a Argos distante,
E dominá-los também ali. A um converteste em verdugo
Da pacífica Argos, mas ao outro apavorado,
Exibes-no agora despedaçado para apavorar o teu povo.

CREONTE

Aconselho a não pronunciar palavra
De apoio àquele que preza o próprio bem-estar.

ANTÍGONA

Mas eu invoco que me ajudem em minha aflição
E com isso ajudem a si próprios.
Porque quem tem sede de poder,
Beberá da água salgada e, sem poder parar,
Terá de beber cada vez mais. Ontem foi meu irmão, hoje sou eu.

CREONTE

E eu estou esperando para ver
Quem te ajudará.

ANTÍGONA

Já que os anciãos calam
Então o aceitam e se calam diante dele.
Isso jamais será esquecido!

CREONTE

Ela faz a ata. A desunião
É o que ela quer semear entre o povo de Tebas.

ANTÍGONA

Tu, que clamas por união, vives da discórdia.

CREONTE

Quer dizer que vivo aqui da discórdia
E nos campos de Argos também?

ANTÍGONA

Sem dúvida. Assim é. E onde é preciso violência contra outros,
Também se recorre a ela contra o próprio povo.

CREONTE

Parece-me que a bondosa, de bom grado, me atiraria aos abutres
E nada faria se Tebas, desunida,
Fosse servida em banquete às forças estrangeiras?

ANTÍGONA

A eterna ameaça dos governantes: a cidade iria cair.
Desunida cairia num banquete às forças estrangeiras
Assim curvamos a nuca e lhes oferecemos vítimas
E a cidade cai, debilitada, num banquete aos estrangeiros.

CREONTE

Te atreves a dizer que eu ofereço a cidade como banquete
ao estrangeiro?

ANTÍGONA

Ela mesma se atira diante dele, curvando a nuca diante de ti
Porque o homem que curva a nuca não consegue ver
O perigo que se coloca à sua frente.
Só vê a terra, e ela, ora, é ela que irá recebê-lo.

CREONTE

Insulte a terra, desaventurada, insulte a pátria!

ANTÍGONA

Estás equivocado. A terra é fadiga e dor. A pátria, para o homem,
Não é só terra nem é só casa. Não onde ele derramou suor,
Não a casa que em vão se ergue contra as chamas,
Não é onde curvou a nuca, o que o homem chama de pátria.

CREONTE

Não chama e não protege?
A ti a pátria não chama mais de filha
Mas te rejeita como a uma imundície feroz que contamina.

ANTÍGONA

Quem é que me rejeita? Desde que governas
Diminuto é o número de homens na cidade
E continuará diminuindo.
Por que retornas sozinho? Partiste com muitos.

CREONTE

Como ousas?

ANTÍGONA

Onde estão os jovens, os homens? Nunca mais voltarão?

CREONTE

Como ela mente! Todos sabem que ainda não estão aqui
Porque limpam o campo de batalha dos últimos machados.

ANTÍGONA

E para cometerem por ti o último crime
Para semear o terror até que os pais
Não mais os reconheçam quando, ao final,
Forem derrubados como animais ferozes.

CREONTE

Agora profanas os mortos!

ANTÍGONA

Ser estúpido, não tenho a intenção de te convencer.

ANCIÃOS

Não dê atenção ao que ela diz; é o desespero quem fala.

CREONTE

Acaso alguma vez ocultei as vítimas que custaram a vitória?

ANCIÃOS

Mas tu, insensata, não te esqueças
Em tua dor, da gloriosa vitória de Tebas!

CREONTE

Mas ela não deseja que o povo
De Tebas ocupe os palácios de Argos. Prefiriria
Ver Tebas em ruínas.

ANTÍGONA

Melhor estar entre os escombros da própria cidade
Do que contigo nas casas dos inimigos.

CREONTE

Agora ela falou! E vocês o ouviram.
Não respeita lei alguma, a desmedida, como o hóspede que,
Prestes a partir, sabendo que ninguém quer vê-lo de volta,
Malcriado, ao arrumar a trouxa, destrói o leito que o abrigou.

ANTÍGONA

Mas tomei só o que é meu, e ainda assim tive que roubá-lo.

CREONTE

Só tens olhos para o próprio nariz,
Mas a ordem do Estado, que é sagrada, essa não vês.

ANTÍGONA

Talvez seja sagrada, mas eu prefiriria
que fosse humana, Creonte, filho de Meneceus.

CREONTE

Agora vá! Foste nossa inimiga e também o serás
Dos que estão embaixo da terra, esquecida
Como o despedaçado o foi; este também será evitado lá embaixo.

ANTÍGONA

Quem sabe, talvez embaixo existam outros costumes.

CREONTE

Nunca um inimigo, mesmo morto, será amigo.

ANTÍGONA

É verdade. Não vivo para odiar e sim para amar.

CREONTE

Então desce se queres amar
E ame ali. Aqui gente de tua espécie
Não vive por muito tempo.

Entra Ismênia.

ANCIÃOS

Eis que aparece Ismênia no umbral da porta,
A amável Ismênia, que é pela paz.
Mas as lágrimas lavam-lhe
O rosto alterado pela amargura e pela dor.

CREONTE

Aí estás! Tu, que ficas pelos cantos do palácio!
Alimentei dois monstros, criei irmãs víboras.
Vem, confessa logo
Que participaste do sepultamento.
Ou será que és inocente?

ISMÊNIA

Sim, sou eu a culpada, minha irmã pode confirmar.
Particpei e assumo a culpa.

ANTÍGONA

Isso a irmã não vai permitir.
Ela não quis me ajudar. Não a levei comigo.

CREONTE

Decidam entre vocês! Não quero ser mesquinho em mesqui-
nharias.

*Ismênia
diz que
to
particpei*

ISMÊNIA

Não me envergonho da infelicidade da minha irmã
E peço a ela que me aceite como parceira.

ANTÍGONA

Pelos que são eternos lá embaixo
E que conversam entre si:
Não gosto dessa que só ama com palavras.

ISMÊNIA

Irmã, para rebelar-se nem todos servem
Mas quem sabe eu sirva para morrer.

ANTÍGONA

Não queira compartilhar a morte. Não queira tornar teu
O que não te pertence. A minha morte bastará.

ISMÊNIA

A irmã é severa demais e eu a amo.
A quem mais dedicar o meu amor se ela não existir?

ANTÍGONA

A Creonte, ame esse. Fica com ele e eu os deixarei.

ISMÊNIA

Talvez a irmã sinta prazer em zombar de mim?

ANTÍGONA

Talvez eu também sofra, e queira guardar para mim toda a dor?

ISMÊNIA

O que te propus ainda vale.

ANTÍGONA

E isso foi belo. Mas a minha decisão está tomada.

ISMÊNIA

Por ter faltado com a lealdade, agora não faço falta para ti,
não é?

ANTÍGONA

Tenha coragem, tu vives. A mim morreu a alma;
A única coisa que me resta é servir aos mortos, irmã.

CREONTE

Vos digo, senhores, essas mulheres são loucas,
Uma é louca de nascença, a outra acaba de ficar nesse momento.

ISMÊNIA

Não posso viver sem ela.

CREONTE

Não se fala mais dela. Já não existe.

ISMÊNIA

Condenas à morte a noiva do teu filho.

CREONTE

Não existe só um prado fértil, onde se possa arar.
Prepara-te para a morte. Mas quero que saibas
Quando será: quando Tebas, embriagada,
Dançar a minha vitória, nas rodas de Baco.
Levem daqui estas mulheres.

Saem Antígona e Ismênia, levadas pelos guardas. Creonte ordena ao seu guarda-costas que entregue a espada.

UM ANCIÃO recebendo a espada.

Tu que te agasalhas com a vitória, não pisas
Brutalmente o solo; não pisas onde ele floresce.
Mas aquele que te irritou, poderoso,
Deixas que te louve.

UM VELHO entregando a Creonte o bastão de Baco.

Não o arremesses muito fundo,
Que termines por perdê-lo de vista.
Porque ali, chegado ao fundo,
Aquele que nada tem, nada teme. Liberado
De toda vergonha, aterrorizado e terrível,
O que foi abandonado e rechaçado se ergue.

Livre de suas ligações humanas,
 Recordá-se da antiga vida e levanta-se novo.

ANCIÃOS

Pacientes, os irmãos de Lacmos permaneciam na casa destruí-
 da pelo fogo.

Podre, alimentando-se de líquens; os invernos sempre
 A despejar o gelo sobre eles; e as mulheres, as deles,
 De noite não ficavam ali, e passavam o dia
 Secretamente em fraldas púrpuras. E o tempo todo
 A ameaça da rocha pairava sobre as suas cabeças.
 Abateram os verdugos

Mas não antes de Peleas

Se intrometer, dividindo-os com o bastão, quando,
 Tocados de leve, erguiam-se.

Isso foi para eles o pior dos sofrimentos, mas é comum a
 Soma do sofrimento amainar-se com o ínfimo.

O sono cego no lamento, como se os abatidos
 Ficassem no tempo sem idade, é finito.

Lentas e fugazes as luas sucedem as luas e

O mal aumenta sem cessar e já se

Extingue a última luz que iluminava a última raiz

Da estirpe de Édipo.

E quando o grande não cai em si,

Tudo derruba. Assim, como quando os ventos furiosos da Trácia

Encrespam as águas tenebrosas e salgadas do mar Pôntico e

Atacam a uma simples cabana, os abismos submarinos se

Agitam, e de gemidos murmuram as margens abatidas.

Mas vem aí Hémon, dos teus filhos o mais novo.

Sua expressão sombria mostra o pesar por perder Antígona.

A jovem mulher, a noiva adoecida pelo leito traiçoeiro.

Entra Hémon

CREONTE

Filho, segundo dizem alguns, vens

Diante de mim por amor a essa mulher, e não é ao soberano

A quem queres ver, e sim ao pai. Se for assim,

Vieste em vão. Em meu regresso da batalha,

Que vencemos, graças ao sacrifício dos que derramaram

O sangue, encontrei essa, e somente essa em toda a cidade,
 Em flagrante delito de desobediência, desprezando a nossa
 Vitória, e ocupando-se apenas com os assuntos pessoais e
 dos piores.

HÉMON

Não obstante, é esse o assunto que me traz
 E desejo que não desgoste ao pai
 A voz familiar daquele que dele descende
 Quando informar ao soberano a respeito
 Dos desagradáveis rumores que circulam.

CREONTE

Certamente, quem cria filhos insolentes,
 Haverá criado para si grandes desgostos
 E, para os inimigos, motivo de risada. O que é azedo
 Provoca o paladar, e é por isso oferecido.

HÉMON

Muitas são as coisas que comandas. Mas se preferires
 Escutar somente palavras complacentes,
 Não te esforças demais: solta logo a vela
 E navega à deriva, como o faz o homem
 Que já não maneja o timão!

Teu nome é temido pelo povo. Então, mesmo quando o
 grande

Temporal se aproxima, te dirão, quando muito, que sopra
 pequena brisa.

Mas os laços de parentesco têm a vantagem

De permitir agir com desinteresse e sem medo. Certas culpas

Nem são cobradas; e assim podemos,

Às vezes, ouvir verdades da boca de um parente,

Porque, vindo dele, dominamos a ira.

Claro que o meu irmão, Megário, que não conhece o medo,

Não pode dizê-lo,

Porque combate em Argos e ainda não regressou.

Sou eu, então, quem deve fazê-lo.

Deves saber que na cidade reina um profundo mal-estar.

CREONTE

E tu deves saber que se os meus se corrompem,
 Darei alimento ao inimigo. Ele é incerto,
 Não se conhece e não consegue agrupar-se.
 Está desnunido até no desgosto: um se queixa
 Dos impostos, o outro, do serviço militar.
 Graças a minha autoridade e ao poder da espada
 Mantenho-os unidos e ao mesmo tempo separados. Mas
 Se houver algum vacilo em quem governa,
 Se este se mostra indefinido e hesitante, então
 As pedras começam a rolar e ameaçam derrubar
 A casa que a si mesma se rendeu. Fala,
 Ouvirei àquele que gerei e que
 Coloquei diante do vendaval de lanças, ao filho.

HÉMON

Nisso tudo há verdade. Não se diz:
 Malhe a língua em bigorna pura? Àquela
 Que não quis deixar que os cães desalmados
 Devorassem o irmão, a cidade
 Apóia, não deixando de reprovar
 O comportamento do morto.

os cães da
 tebras homem
 desalmados
 voltarem,
 apoiar
 a bigorna

CREONTE

Tu, no entanto, pouco sabes da situação,
 Nada sabendo, aconselhas: olha timidamente ao teu redor,
 Aceitas as idéias dos outros, falas a língua deles.
 Como se a autoridade pudesse conduzir tantos corpos
 Numa missão difícil, se ela
 Não passa de um pequeno ouvido, de um ouvido covarde.

ANCIÃOS

Mas imaginar castigos cruéis exige muita força.

CREONTE

É preciso força para empurrar o arado e levantar a terra.

ANCIÃOS

Mas uma ordem generosa facilmente consegue muito.

CREONTE

São muitas as ordens. Mas quem as dá?

HÉMON

Mesmo que não fosse teu filho, eu diria: tu.

CREONTE

Se são da minha responsabilidade, tenho de dá-las a meu modo.

HÉMON

A teu modo, mas que o modo seja correto.

CREONTE

Não sabendo o que eu sei, tu não poderás saber.
 Continuas meu amigo, qualquer que seja a minha ação?

HÉMON

Quisera que agisses de modo que eu fosse teu amigo,
 E não dissesses que só tu tens razão, nenhum outro.
 Pois aquele que pensa ter inteligência, expressão e alma
 como ninguém,

Se penetrássemos em seu âmago,
 Ele apareceria vazio. Mas para um homem,
 Se algum sábio houver, não é vergonhoso
 Aprender muito, e não se obstinar em seus juízos.
 Vê como ao longo de uma torrente
 Que se precipita impetuosa
 As árvores todas se esquivam. Elas todas
 Têm os seus galhos aquecidos; aquelas, porém, que resistem
 São logo arrasadas. E mais, a embarcação com carga
 Que ocupa muito espaço, e que não quer ceder em nada:
 O que leva acaba descendo pela proa e soçobra.

ANCIÃOS

Cede, onde reina o espírito, concede-nos a mudança.
 Submete-te como nós, criaturas tementes,
 E tema conosco.

CREONTE

E que o cocheiro
Seja guiado pela parelha! É isso que você quer?

HÉMON

E a parelha,
Quando lhe bate o cheiro de carniça nas ventas
Vindo do esfoladouro, poderia empinar-se, espantada,
Ao ver aonde querem levá-la à força
E jogar-se no precipício, com roda e cocheiro.
Saiba que a cidade, sentindo o ferrão da dúvida
Do que a espera na paz, na guerra já está fora de si.

CREONTE

Já não há mais guerra. Agradeço pela informação.

HÉMON

E também que tu, armando a festa da vitória,
Pretendes acabar de forma sangrenta
Com todos que aqui alguma vez despertaram a tua ira.
Essa suspeita a mim foi confiada muitas vezes.

CREONTE

Por quem? Nisso haveria mérito para ti. Bem mais
Do que quando queres ser somente a boca deles, que
Tagarelam por aí sobre suspeitas de maneira tão suspeita.

HÉMON

Esquece-os.

ANCIÃOS

Das virtudes dos poderosos
Dizem que a mais saudável é saber esquecer.
Deixa que o passado permaneça no passado.

CREONTE

Já que sou muito velho
É difícil para mim esquecer. Mas não poderias tu,
Se te pedisse, esquecer aquela por quem tanto te expões

Tanto que todos que me desejam mal murmuram:
Parece que aquele é cúmplice dessa mulher.

HÉMON

Sou cúmplice da justiça, onde quer que ela esteja.

CREONTE

E onde houver um buraco.

HÉMON

Mesmo ofendido não cala em mim
A preocupação por ti.

CREONTE

Nem a de que o teu leito permanece vazio.

HÉMON

Isso eu chamaria de estupidez, não viesse do pai.

CREONTE

Isso eu chamaria de insolência, não viesse do escravo de
uma mulher.

HÉMON

Que prefere ser escravo de uma mulher do que de ti.

CREONTE

Agora está revelado e não há mais volta.

HÉMON

Nem deveria ter. Queres tudo dizer e nada ouvir.

CREONTE

É isso mesmo. E agora vai
Some da minha vista. Faze como o frouxo, que
Também se poupou, no momento duvidoso.
Some com a tua raça, e já!

HÉMON

Vou-me embora, para que não tenhas que olhar
Para alguém que anda de cabeça erguida, e tremas.

Hémon sai.

ANCIÃOS

Senhor, o que saiu agora tomado de ira é o teu caçula.

CREONTE

Mas não salvará da morte as mulheres.

ANCIÃOS

Pensas então em matar as duas?

CREONTE

Não, a que se manteve afastada, não; tendes razão.

ANCIÃOS

E quanto à outra; como pretendes matá-la?

CREONTE

Levá-la para fora da cidade, enquanto as danças de Baco
Erguem as solas dos pés do meu povo; que a culpada
Seja levada para onde é solitário o rastro da vida humana,
Encerrada viva numa gruta de pedra, com painço e vinho
somentemente
Como convém aos mortos; como se ela mesma se enterrasse.
Assim o ordeno,
Para que a cidade não caia em desonra.

Creonte sai em direção à cidade.

ANCIÃOS

Como uma montanha de nuvens, vejo claramente
Que é chegada a hora, enquanto a filha de Édipo, em seu
quarto
Ouvindo o som de Baco ao longe, se prepara para a última
viagem
Ele chama pelos seus, e a nossa cidade amargurada
Sempre sedenta de alegria
Dá-lhe resposta, com júbilo.

Pois grandioso é vencer e irresistível é Baco,
Quando se acerca dos atormentados, e lhes oferece a poção
do esquecimento.

Para longe atiram o manto de luto que costumavam para os filhos
E correm para a orgia de Baco, atrás de esgotamento.

Os velhos pegam os bastões de Baco.

Oh espírito dos prazeres da carne
Eterno vencedor das disputas! Mesmo aos parentes de sangue
O poderoso súplice joga uns contra os outros.
Nunca sucumbe; quem por ele
É dominado é quem fica fora de si. Possuído, delira. E
Move-se sob o jugo, e prepara novas nucas. Não teme
O sopro quente da mina de sal, nem o barco
De frágeis paredes nas águas escuras. Outras peles
Ele mescla e joga
Todas juntas, mas não devasta
A terra com a força das mãos, e sim
É pacífico desde o início, e vê com bons olhos
O nascer de grandes alianças. Pois a beleza divina
É pacífica parceira.

Entra Antígona, conduzida pelo guarda e seguida pelas criadas.

ANCIÃOS

Mas agora, até eu fico
Desconcertado, e não posso mais conter
A fonte das lágrimas, pois agora
Antígona vai receber as oferendas fúnebres
O painço e o vinho.

ANTÍGONA

Cidadãos da pátria, vide
Como faço a minha última viagem,
Contemplo a última luz do sol.
E para nunca mais?
O deus da morte, que a todos um dia deitará,
A mim me leva viva
Para as margens do Aqueronte.
Não haverá bodas para mim, nem

Cantos nupciais, porque
A Aqueronte sou prometida.

ANCIÃOS

Mas vais célebre, coberta de glória
Para essa morada dos mortos.
Não sucumbistes à doença que consome,
Do ferro a recompensa, o ferro, não recebeste.
Dona do teu próprio destino
Desces viva ao mundo dos mortos.

ANTÍGONA

Ai, zombam de mim!
De mim, que ainda não sucumbi,
De mim, que ainda vivo o dia.
Ah minha cidade, ah, de minha cidade
Homens poderosos! Um dia deveis
Dar testemunho de como, sem ser pranteada
Pelos que amo, e por força de que
Leis cruéis sou levada
Ao jazigo cavado, à tumba insólita.
Companheira nem dos mortais
E nem das sombras,
Não tenho lugar nem na vida, nem na morte.

ANCIÃOS

O poder, onde vale
Não cede. Ela se perdeu
Ao se conhecer pela ira.

ANTÍGONA

Oh meu pai, oh mãe infeliz
De quem veio esta melancólica filha
E para quem sigo agora
Fadada a viver sem homem.
Oh meu irmão
Doce era viver! Morto,
Também a mim, que ainda resto,
Arrastas para o fundo.

UM ANCIÃO *colocando uma tigela de painço na frente de Antígona.*

Também o corpo de Danaes teve de
Suportar, pacientemente,
Em vez da luz celestial,
As barras de ferro, envolto pela escuridão.
Era, no entanto, filha de grande estirpe.
E então passou a contar, para o criador do tempo,
Os toques das horas, das horas douradas.

ANTÍGONA

Deplorável, ouvi dizer, foi a morte
No topo do monte Sípilo
Da filha de Tântalo, que vinha da Frígia.
Seu corpo tornou-se rugoso, e as heras
Como a uma pedra lentamente a envolveram.
Contam os homens que o inverno
Está sempre com ela
E lava-lhe o pescoço
Com límpidas lágrimas de neve que escorrem de seus cílios.
Da mesma forma
Um espírito prepara a minha tumba.

UM ANCIÃO *colocando uma jarra de vinho na frente de Antígona.*

Mas ela foi consagrada, era de origem divina.
Nós, no entanto, somos da terra, de origem terrena.
É verdade que sucumbes, mas com grandeza. Quase
Como um sacrifício divino.

ANTÍGONA

E suspirando já me dais por perdida.
Levantais os olhos para o céu azul, e não mais olhais
Em meus olhos. Só cometi um ato sagrado
Cumprindo um dever sagrado.

ANCIÃOS

Também o filho de Drionte
Enquanto imprecava, furiosamente,
Contra a iniquidade de sua sorte
Foi agarrado por Dioniso e soterrado

Por montes de pedra. Tateando louco nas trevas
O homem da palavra insolente conheceu Deus.

ANTÍGONA

Melhor seria se vós
Aceitásseis as minhas imprecações contra a iniquidade
E enxugásseis-me as lágrimas, aproveitando-as.
Vós não enxergais longe.

ANCIÃOS

Junto às rochas calcárias, ali
Onde morrem os dois mares, à margem do Bósforo
Ali, perto da cidade, o espírito da guerra viu como os dois
Filhos de Fineo, que enxergavam longe demais,
Tiveram os seus olhos de águia perfurados por lanças,
Fazendo-se a escuridão
Nas corajosas órbitas dos seus olhos.
A força do destino é terrível.
Não há riqueza, nem espírito guerreiro
Nem fortaleza que dele escape.

ANTÍGONA

Eu lhes suplico, não faleis de destino.
Eu o conheço. Falai daquele que a mim,
Inocente, destrói; para ele
Preparem um destino! Não penseis que
Sereis poupados, oh desafortunados.
Outros corpos, destruídos,
Jazerão sem sepultura, aos montes, em volta
Daquele que não teve sepultura. Vós, que incitais Creonte
À guerra em terras estrangeiras, mesmo vencendo ele
Muitas batalhas, saibais que a última
Vos devorará. Vós, que clamastes por saques, não vereis
Retornarem carros abarrotados, e sim
Vazios. A vós deploro, vivos,
Pelo que irdes ver
Quando os meus olhos já estiverem cheios de pó! Graciosa
Tebas
Cidade pátria! E vós, fontes de Dirceu

Ao redor de Tebas, por onde sobem os carros da guerra
Oh, pradarias! Sinto apertar-me a garganta ao pensar
No que irá lhe acontecer! Tu, que deste vida
A monstros, em pó debes te converter. Dizei,
A quem por Antígona perguntar, que a vistes
Buscar refúgio na tumba.

Antígona sai acompanhada pelo guarda e as criadas.

ANCIÃOS

Virou as costas e se foi, com passo firme, como se conduzisse
O seu guarda. Atravessou ali aquela praça
Onde já se erguiam as férreas colunas da vitória.
Lá, apertou o passo, e
Desapareceu.

Mas também aquela provou, um dia,
Do pão assado na rocha escura.
Na sombra das torres que encerram desgraça:
Ficava sentada, tranqüila e segura
Até que o que partiu, mortal, dos lares de Lábdaco
A eles retornou, com força mortal. A mão sangrenta
Repartiu a morte entre os seus, e estes
Não a recebem, arrancam-na.
Só depois a encontramos tremendo de cólera
No espaço aberto, consagrada ao bem!
O frio despertou-a.
Só depois de consumida toda
A paciência e consumado o último
Crime, a filha do cego Édipo
Retirou a venda corroída de seus olhos
Para olhar no fundo do abismo.
Tebas agora, igualmente cega,
Dança e se embriaga
Com a poção da vitória, poção de muitas
Ervas, preparada nas trevas
E engole-a e jubila.
Aqui vem Tirésias, o cego vidente. Impelido talvez
Pelo boato sinistro da crescente discórdia
E da rebelião que ferve embaixo.

Entra Tirésias, conduzido por uma criança e seguido por Creonte.

TIRÉSIAS

Sempre devagar, filho, caminha sempre
 Não deixe o ritmo da dança te afetar, és
 Guia. Que o guia
 Não siga a Baco:
 É inevitável a queda daquele que levanta
 O pé demasiado alto.
 Também não vás bater contra
 As colunas da vitória. Gritam
 Vitória na cidade
 E a cidade está cheia de loucos!
 O cego segue
 Aquele que vê, mas o que segue o que não vê
 É mais cego ainda.

CREONTE *que o seguia, zombeteiramente.*

O que estás murmurando,
 Rabugento, sobre a guerra?

TIRÉSIAS

É que tu danças
 Louco, antes da vitória.

CREONTE

Velho obstinado, vidente
 Das coisas que não são, mas
 As colunas erigidas ao teu redor
 Essas tu não vês.

TIRÉSIAS

Não, não as vejo. Nada perturba
 A minha razão. E é por isso que eu venho
 Meus caros amigos. Pois as folhas de louro,
 As viçosas, também não reconheço
 Antes que, secas, façam ruído ao vento
 Ou então eu as mordo e sinto
 Um gosto amargo, e sei que são folhas de louro.

CREONTE

Tu não gostas de festas. Sempre que celebramos,
 Tua boca profere palavras terríveis.

TIRÉSIAS

Coisas terríveis eu vi. Ouvi quais são os presságios das aves
 De Tebas, que está ébria
 Da vitória prematura e ensurdecida
 Pelo estrondoso clamor das rodas de Baco. Estava eu
 No antigo lugar, porto de todos os pássaros,
 Quando ouvi um barulho mortífero vindo do céu.
 Era uma luta, um arrepelar-se-com-garras
 Um bramir de asas em batalha mortal. Temeroso
 Fiz acender logo a pira dos altares. Mas
 Nenhuma chama se ergueu do sacrifício. Só fumaça
 Ascendia, gordurosa, e as coxas dos animais sacrificados
 Podiam ser vistas abertas sob a gordura que as cobria.

ANCIÃOS

Terrível vaticínio em dia de vitória
 Rumor que corrói a alegria!

TIRÉSIAS

Esta seria a explicação funesta das orgias sem sentido:
 Tu, Creonte, és o culpado da doença que ataca a nossa cidade.
 Pois os altares e os oratórios
 Foram profanados pelos cães e pássaros que se saciaram
 Do cadáver do filho de Édipo.
 É por isso que não se ouve mais das aves
 Um grito de bom augúrio, pois elas provaram
 A gordura de um homem morto. Uma fumaça assim
 Não apetece às divindades. Por isso
 Cede tu ao morto e não persegue
 Aquele que já foi!

CREONTE

Os teus pássaros, meu velho
 Voam como te convém. Sei disso. Também já
 Voaram por mim! Não sou de todo leigo

No comércio e na arte da adivinhação
 Já que não sou avarento. Enche o teu cofre
 Com o âmbar de Sardes e o ouro das Índias
 Mas saiba que não deixarei sepultar o frouxo
 E não temo as ameaças do céu.
 Nenhum homem tem poder sobre os deuses, disso eu sei.
 Mas sei também
 Da queda brutal de mortais, mesmo poderosos
 Quando perseguem propósitos ignóbeis com belas palavras,
 Para obter vantagens.

TIRÉSIAS

Sou demasiado velho para me expor
 No breve tempo que ainda me resta.

CREONTE

Ninguém é tão velho
 Que não quisesse envelhecer mais ainda.

TIRÉSIAS

Eu sei.
 Mas sei ainda mais.

ANCIÃOS

Diz o que é, Tiréias.
 Senhor, ouçamos o vidente.

CREONTE

Fale do jeito que quiser, só deixe de regatear.
 A ordem dos videntes adora a prata.

TIRÉSIAS

Ouvi dizer que os tiranos a oferecem.

CREONTE

E sendo-se cego
 Morde-se a moeda e sabe-se que é prata.

TIRÉSIAS

Eu queria que tu não ma oferecesse.

Pois ninguém sabe, na guerra, o que irá salvar.
 Seja a prata, sejam os filhos, seja o poder.

CREONTE

A guerra terminou.

TIRÉSIAS

Será mesmo?
 Eu estou perguntando!
 Já que, como me disseste, não sei de nada
 Eu tenho que perguntar. Já que como me dizes
 Não sei ver o futuro, eu tenho
 Que olhar para o presente e o passado, e assim continuo
 No meu ramo de vidente. É verdade que só vejo
 O que uma criança vê: que o bronze das colunas da vitória
 É bem delgado. E digo: é porque ainda
 Se forjam muitas lanças. Costuram-se agora
 Muitas peles para o exército, e digo: é como se viesse o outono.
 E se pusesse a secar pescado, como se se esperasse uma
 campanha de inverno.

ANCIÃOS

Pensei que isso fosse antes da vitória
 E que agora isso terminara. E que então viesse o saque
 Com o minério e o peixe de Argos.

TIRÉSIAS

E há guardas aos montes; se eles guardam muito
 Ou pouco, ninguém sabe. Mas há grande
 Discórdia em tua casa e nenhum esquecimento
 Como é próprio após um negócio bem-sucedido. E dizem
 Que Hémon partiu, transtornado
 Porque tu jogaste Antígona, a sua prometida,
 No fundo de uma rocha, quando ela quis abrir
 Uma sepultura para o seu irmão Polínicos
 Porque tu o abateste e o deixaste insepulto
 Quando ele te enfrentou, por ter a tua guerra.
 Lhe roubado o irmão Etéocles.
 E assim, sei que cruelmente estás enredado em tua crueldade.

E já que a prata não me embruteceu, faço
 A segunda pergunta: Por que és cruel
 Creonte, filho de Meneceus? Torno as coisas ainda mais fáceis:
 É porque falta bronze para tua guerra?
 O que foi que tu fizestes de tolo ou de mau
 Para que agora tenhas que continuar fazendo maldades e tolices?

CREONTE

Canalha! Jogas um jogo duplo!

TIRÉSIAS

Pior seria se eu jogasse o jogo pela metade.
 E agora eu tenho uma dupla resposta, isto é: nenhuma.
 Eu junto nada com nada e digo:
 Quando as coisas vão mal, grita-se por algo grandioso e não
 se encontra.

A guerra sai de si e quebra a perna.
 A pilhagem vem da pilhagem e a crueldade pede crueldade.
 O excesso pede excesso e no final se transforma em nada.
 E tendo eu olhado para trás e ao redor de mim
 Vós olhais para a frente e tremeis.
 Leva-me daqui, filho.

Tirésias sai, guiado pelo menino.

ANCIÃOS

Senhor, fossem os meus cabelos
 Pretos há pouco
 Estariam igualmente brancos agora. Esse homem irado
 Disse coisas terríveis
 Mas mais terríveis são as coisas que não disse.

CREONTE

Então eu pergunto: para que
 Falar do que não foi dito?

ANCIÃOS

Creonte, filho de Meneceus, quando
 Retornarão os varões
 A esta cidade desprovida de homens, e como
 Anda a tua guerra, Creonte, filho de Meneceus?

CREONTE

Já que esse homem, insidiosamente, decidiu levantar
 Essa questão, eu lhes digo: essa guerra,
 Para a qual fomos arrastados pela pérfida Argos, ainda
 Não chegou ao fim, e não anda
 Muito bem. Quando ordenei a paz
 Faltava pouco para terminá-la, e isso
 Pela traição de Polínicos.
 Mas este, e a quem por ele
 Chorava, já foram castigados.

ANCIÃOS

E tampouco isso
 Está terminado, pois se apartou
 De ti aquele que comandava
 As tempestades de lanças daqui,
 Hémon, teu filho caçula.

CREONTE

E tampouco ainda preciso dele
 Que permaneça longe da minha vista, e da
 Vossa também, aquele que me abandonou
 Por uma mesquinha história de alcova.
 Pois por mim ainda combate o meu filho Megareus
 Atirando de encontro às muralhas vacilantes
 Dos argivos, em incessantes ataques
 A juventude armada de Tebas.

ANCIÃOS

Não é inesgotável essa juventude.
 Creonte, filho de Meneceus,
 Sempre te seguimos. Reinava ordem
 Na cidade e protegias-nos
 Dos inimigos sob os telhados de Tebas.
 Dessa gente predatória que nada possui e abastece-se na guerra
 E daqueles que vivem da disputa, que só sabem gritar
 E encher o estômago e que, na praça do mercado, falam
 Porque são pagos, ou porque não são pagos.
 Hoje eles voltam a vociferar, e o que eles dizem

É inquietante. Será que tu
Deste início a uma ação demasiadamente grande, oh filho de
Meneceus?

CREONTE

Quando iniciei a marcha contra Argos
Quem foi que me enviou? O metal na lança
Foi buscar metal na montanha
A vosso conselho, pois Argos
É rica em metal.

ANCIÃOS

E também em lanças, ao que parece. Ouvimos
Muitas notícias alarmantes, mas rechaçamos os informantes
Porque confiávamos em ti, fechando os nossos ouvidos
Temendo o temor. E fechamos os olhos cada vez
Que puxavas as rédeas com mais força; é preciso só mais um
Puxão das rédeas, só mais uma batalha, nos dizias tu
Mas agora começa a nos tratar
Como tratas o inimigo. E cruelmente
Conduzes uma guerra dupla.

CREONTE

A vossa guerra!

ANCIÃOS

A tua!

CREONTE

Tão logo eu tenha Argos
Será novamente a vossa guerra! Basta!
Então aquela insubordinada
Conseguiu transtorná-los e àqueles que a ouviram!

ANCIÃOS

Sem dúvida a irmã tinha o direito de sepultar o irmão.

CREONTE

Sem dúvida o comandante do exército tinha o direito de casti-
gar o traidor.

ANCIÃOS

Fazer valer um direito contra outro direito só nos joga no abismo.

CREONTE

A guerra cria um novo direito.

ANCIÃOS

E vive do antigo.
E se não lhe é dado o alimento de que precisa, devora-se a si
mesma.

CREONTE

Ingratos! Devoram a carne, mas
O avental sangrento do cozinheiro vos dá nojo! Dei-vos
Madeira de sândalo para vossas casas, nelas não penetra
O ruído das espadas. Essa madeira vem de Argos!
E ninguém até hoje me devolveu a bandeja de bronze
Que eu trouxe de lá, mas, inclinados sobre elas
Vós falais de matanças e vos queixais da minha crueldade.
Estou acostumado a uma cólera muito maior quando deixam
de vir os saques.

ANCIÃOS

Homem, até quando Tebas ficará privada de seus homens?

CREONTE

Até que conquistem a rica Argos.

ANCIÃOS

Chame-os de volta, infortunado, antes que sucumbam!

CREONTE

Com as mãos vazias? Esse pedido vós tereis de confirmar sob
juramento!

ANCIÃOS

Com as mãos vazias, ou sem mãos, tudo que ainda for de
carne e sangue!

CREONTE

Certamente. Logo que Argos tenha caído, os chamarei de volta.
E o meu primogênito, Megareus, irá trazê-los.

Mas cuidem para que as portas e portais não sejam demasiadamente baixos
Suficientemente altos somente para os que se movimentam
junto ao chão.

Porque senão esses homens de estatura poderiam
Esbarrar no portal do palácio e na porta da casa forte, danificando-os.

E pode ser que a alegria de vos ver seja tão grande
Que, ao apertar-vos as mãos, vos destroçem os punhos
E vos arranquem os braços! E quando num ímpeto
Vós medrosamente abraçardes as suas armaduras, cuidado
com as costelas!

Porque nesse dia de gozo vereis mais espadas nuas
Que nos dias infaustos. Mais de um vencedor titubeante
Já foi coroadado com correntes e dançou com os joelhos caindo.

ANCIÃOS

Miserável, queres nos ameaçar com os teus próprios homens?
Queres agora jogá-los contra nós?

CREONTE

Falarei sobre isso
Com o meu filho Megareus.

Entra um Mensageiro que vem do campo de batalha.

MENSAGEIRO

Senhor! Prepara-te para receber um golpe terrível!
Sou mensageiro
Do infortúnio!
Suspende os festejos precipitados
De uma vitória em que acreditaste cedo demais!
O teu exército
Foi derrotado diante de Argos, e está em fuga.
O teu filho Megareus já não vive. Destroçado
Jaz no duro solo de Argos. Depois que tu
Castigaste a fuga de Polínicos, e prendeste e enforcaste

Em público muitos guerreiros que desaprovavam
O teu proceder e voltaste a Tebas, Megareus, teu primogênito,
Logo nos lançou de novo contra o inimigo.
Os homens, que ainda não haviam
Se recuperado do banho de sangue nas próprias
Fileiras, levantaram, cansados
Os seus machados, ainda molhados com o sangue tebano
Contra o povo de Argos. E muitos deles ainda
Voltavam os seus rostos para trás, em direção a Megareus, que
Para lhes ser mais terrível que o inimigo
Talvez os tenha incentivado com voz rude demais.
Porém a sorte no início parecia estar do nosso lado.
Pois é o combate que gera o seu próprio ímpeto guerreiro
E o sangue tem sempre o mesmo cheiro, seja o próprio, seja
o do outro

E esse cheiro embriaga. O que a coragem não consegue
Consegue-o o temor. Mas conta também o terreno,
Os apetrechos e os alimentos.
E o povo de Argos, senhor, recorreu a mil astúcias.
Lutaram as mulheres e lutaram as crianças.
Do alto das cumeeiras dos telhados destruídos pelo fogo
Os caldeirões, há muito tempo sem comida,
Atingiam-nos cheios de água fervente. Mesmo as casas
Ainda intactas eram incendiadas nas nossas costas, como se
Ninguém mais pensasse em morar novamente em algum lugar;
Mas em barricadas
Em armas transformavam-se móveis e casas.
Mas teu filho continuava incitando-nos a avançar,
Cada vez mais para dentro da cidade, que, devastada,
Agora se tornava um túmulo. Os escombros
Passavam a separar-nos uns dos outros. Havia fumaça
Por todos os lados, mares de fogo
Tapavam a nossa visão. Fugindo do fogo
Procurando inimigos, topávamos com os nossos.
E ninguém sabe que mão abateu o teu filho.
A flor de Tebas, o melhor de suas forças, tudo foi aniquilado
E mesmo Tebas não poderá resistir muito tempo, pois
Por todos os caminhos chega agora o povo de Argos,

Com seus Homens e seus carros. E eu, que os vi,
Estou feliz de estar no fim.

Ele morre.

ANCIÃOS

Ai de nós!

CREONTE

Megareus! Filho!

ANCIÃOS

Não perde
Tempo com lamentos. Reúne a guarda!

CREONTE

Reúna-se o nada! Na peneira!

ANCIÃOS

Embragada pela vitória
Tebas faz a festa, e por todos os lados
Avança o inimigo, carregado de armas!
Dispuseste da tua espada
Para nos enganar. Agora
Podes lembrar-te de teu outro filho.
Manda buscar o caçula!

CREONTE

Sim, Hémon, o último! Sim, meu filho caçula!
Vem nos ajudar nessa grande derrota! Esquece
O que eu disse, pois enquanto eu era poderoso
Não tinha poder sobre a minha razão.

ANCIÃOS

Ao túmulo de pedra
Acorre agora e solta logo a sepultadora.
Liberta Antígona!

CREONTE

Se eu a liberto
Estareis do meu lado? Tolerastes

Tudo, mesmo quando não o aprovastes. Isto
Vos compromete!

ANCIÃOS

Vai!

CREONTE

Machados! Machados!

Creonte sai.

ANCIÃOS

Que parem as danças!

ANCIÃOS *batendo nos pratos.*

Oh, espírito da alegria, tu que és o orgulho

Dos rios que Cadmo amava

Vem logo se desejas ver a tua cidade

Pela última vez, viaja logo e vem

Antes do cair da noite, pois mais tarde

Ela não mais existirá.

Aqui vivias tu, deus da alegria

Às margens do gelado Ismenos, nesta Tebas

Cidade-mãe, cidade bacântica.

A fumaça dos sacrifícios, bem visível

Por cima dos telhados, te avistou.

Talvez não encontres o fogo

De suas muitas casas nem a fumaça do fogo

E da fumaça nem a sombra.

Os que acreditavam ver instalados

Os seus filhos, por mil anos, em terras longínquas

Mal terão amanhã, mal têm hoje

Uma pedra para repousar a sua cabeça.

Outrora, deus da alegria,

Sentavas-te ao lado dos amantes, às margens do Cócito

E nos bosques de Castalia. Mas

Também visitavas as forjas, e provavas, sorrindo,

O fio das espadas, com o polegar.

Amíude ias, cessados

Os cantos imortais,

Pelas ruas de Tebas, pois elas ainda rejubilavam.
 Ah, os ferros golpearam a própria carne
 Mas mesmo assim o braço esgota a sua força!
 A violência precisa de um milagre
 E a clemência um pouco de sabedoria.
 Agora o inimigo,
 Tantas vezes vencido, ameaça os nossos
 Palácios e aponta
 Com as suas lanças ensangüentadas
 Para a boca das Sete Portas;
 De lá não arredará
 Até que suas bochechas
 Estejam cheias de nosso sangue.
 Mas aí se aproxima uma das criadas,
 Atravessando a onda dos fugitivos, com uma mensagem
 Certamente de Hémon, a quem o pai
 Passou à frente da guarda salvadora.

Entra uma criada como Mensageira.

MENSAGEIRA

Oh, tudo está consumido! Oh, a última espada, quebrada!
 Hémon não vive mais, sangrou pela própria mão.
 Sou testemunha disso. O que aconteceu antes
 Sei da boca dos criados que acompanharam o senhor
 Até a pradaria onde jazia, destroçado pelos cães,
 O pobre corpo de Polínees.
 Lavaram-no silenciosamente e deitaram
 Sobre ramos frescos o que dele sobrou
 E ergueram com cuidado um montículo de terra pátria.
 Adiantando-se, com alguns outros, o senhor se aproximou
 Do túmulo de pedra, onde nós criadas nos encontrávamos.
 Uma de nós ouviu uma voz
 Vindo da câmara subterrânea, gemendo alto
 E correu até o senhor para lhe contar.
 Este se apressou, e, enquanto ia, ouvia
 Cada vez mais nítida, uma voz tenebrosa e fatigada.
 Então gritou, já bem perto, e num lamento lancinante
 Viu o ferrolho que fora arrancado do muro
 E disse, com esforço, como para convencer-se a si mesmo:

“Essa não é a voz de Hémon
 A voz de meu filho”. Obedecendo à palavra apreensiva
 Do senhor, fomos investigar. E
 No fundo da tumba vimos
 Pendurada pela nuca, Antígona
 Uma corda de linho em volta do pescoço
 E Hémon, prostrado aos pés dela no alto
 Chorando a morte da prometida, a ruína de tudo
 E o crime do pai. Este, ao ver a cena
 Vai até ele e diz:
 “Oh, saia, meu filho, te imploro de joelhos”.
 Olhando friamente, sem uma palavra,
 O filho encara o pai. E puxa a espada, de dois fios, contra ele
 E tendo o pai, assustado, se voltado
 Para fugir, falha.
 Sem dizer nada
 Em pé, lentamente enfia a ponta
 Da espada em si mesmo, na cintura, e cai sem dizer palavra.
 O morto repousa junto à morta, a promessa
 Nupcial se cumpre, timidamente, nas casas
 Do mundo subterrâneo. Ali vem o senhor em pessoa.

ANCIÃOS

Nossa cidade está no fim, habituada às rédeas, e
 Sem rédeas. Amparado por mulheres
 Vem o derrotado e
 Leva em suas mãos uma grande lembrança
 Da sua estúpida loucura...

Entra Creonte, carregando o manto de Hémon.

CREONTE

Vide o que tenho aqui. É o manto. E pensei
 Que era a espada o que eu tinha ido buscar. Morreu cedo
 O meu filho. Só mais uma batalha
 E Argos estaria derrotada! Mas o que se levantou
 De coragem e de determinação, dirigiu-se somente contra mim.
 E assim cai Tebas.
 Que caia mesmo, que caia comigo, que se acabe
 E fique para os abutres. É assim que eu quero.

Creonte sai com as criadas.

ANCIÃOS

E se voltou e foi
 Nas mãos nada mais que um pano
 Manchado de sangue de toda a estirpe de Lábdaco
 Para a cidade, que desmoronava.
 Nós todos porém
 O seguimos agora, e
 É para baixo. Decepada será
 A mão que nos dominava
 Para não mais golpear. Mas aquela que tudo viu
 Somente pôde ajudar ao inimigo, que agora
 Vem e logo nos exterminará. Pois o tempo é curto
 A fatalidade está em tudo, e não há mais tempo
 Para viver sem pensar e levemente
 Passando da tolerância ao crime e
 Tornar-se sábio na velhice.

NOVO PRÓLOGO DA "ANTÍGONA"

Sobem ao palco os atores que representam Antígona, Creonte e o vidente Tirésias. Colocado entre os outros dois, o que representa Tirésias se dirige aos espectadores.

Amigos, inabitual
 Pode lhes parecer a elevada linguagem
 Do poema de mil anos
 Que aqui ensaiamos. Desconhecido
 Lhes é o assunto do poema, que era
 Intimamente familiar aos antigos ouvintes.
 Permitam-nos pois apresentá-lo a vocês. Esta é Antígona,
 Princesa da estirpe de Édipo. Este aqui
 É Creonte, tirano da cidade de Tebas, seu tio. Eu sou
 Tirésias, o vidente. Aquele ali

Para a apresentação em Greiz, em 1951, Brecht escreveu este prólogo, que foi apresentado em lugar do prelúdio.

Trava uma guerra de pilhagem contra a longínqua Argos. Esta
 Enfrenta o desumano, e ele a aniquila.
 Mas a sua guerra, agora tornada desumana,
 Escapa ao seu controle. A justiça inexorável
 Ignorando o sacrifício do próprio povo subjugado
 Acabou com ela. Pedimos a vocês
 Procurarem em suas mentes ações semelhantes
 Do passado recente, ou então a falta
 De ações semelhantes. E agora
 Vocês verão como nós e os outros atores
 Na peça pisamos, um após o outro,
 Na pequena arena do jogo, onde outrora
 Sob as caveiras dos animais dos bárbaros cultos de sacrifício
 Nos primórdios tempos a humanidade
 Fazia a sua grande aparição.

Os atores vão para o fundo do palco, e agora também os outros atores sobem ao palco.